

Germinal



N.º 19—ANO I
30 de Maio de 1915

«Nenhuma revolução pode fazer-se sem evolu-
ção prévia.» — ELISEU RECLUS.

Publica-se aos domingos
DIRECTOR, EMILIO COSTA. — PROPRIEDADE DO GRUPO GERMINAL. — EDITOR, MARIO COSTA.

(Declaração exigida pela lei de imprensa em vigor.)

Avulso 1 ct. (10 rs.) — Assinatura: trimestre, 15 cts. (150 rs.)

Comp. e imp. nas OFFICINAS GRAFICAS — Rua do Poço dos Negros, 81

Redacção e administração — Rua da Barroca, 51, 3.º — LISBOA

Organização operaria

Lemos na *Lucta* as conclusões da tese sobre associações profissionais, apresentada pelo sr. João de Menezes ao congresso da União Republicana. Pareceram-nos materia corrente e por isso mesmo afastada daquela ideia mirifica de associações *legítimas e ilegítimas*, sugerida pelo deputado socialista M. J. da Silva, a pretexto de liberdade em barda, e introduzida no projecto de lei com que ao operariado acenou o ministerio Bernardino Machado. Não arriscamos, porém, juizo critico, a que só a leitura da propria tese, isto é da sua exposição ou desenvolvimento — como bem se compreende — nos podia levar.

Sem falar da repulsa do termo «sindicatos» consagrado até na legislação do país, nem do esquecimento do artigo da lei das grêves, que inutilisa a acção das associações, — dois pontos, principalmente, nos chamaram a atenção: — característico da associação profissional e facultade ás «associações exercendo as mesmas profissões correlativas, de organizarem uniões locais e regionais, exclusivamente para o estudo e defesa dos seus interessados».

Subordinando o sr. João de Menezes o seu trabalho ao artigo do programa do seu partido, que tem por objecto o melhoramento da condição dos operarios, dir-se-ia que nele apenas trata de sindicatos operarios. Será assim? E sendo-o ou não, porque não determinar-lhes os fins?

Quanto ao outro ponto, não ignora o sr. João de Menezes que no ultimo congresso operario portuguez se fixaram duas formas de federação, formas que aliás, desde muitos anos antes, e com persistencia de notar, vinham sendo levadas á prática entre nós, e das quais existiam e existem, mais ou menos vigorosos, e

um ou outro com honrosa historia, alguns exemplares. São elas: a federação de industria e a união local ou, podemos dizer, a federação funcional e a federação territorial.

Se bem entendemos a conclusão que ao assunto se refere e cuja redacção não prima pela clareza, o sr. João de Menezes só aceita a primeira forma, a que todavia dá a denominação da segunda — confusão? — e ainda assim com um fim exclusivo, que originará frequentes conflitos administrativos ou tornará meras filarmónicas as criações que houver a dentro dela. Pois faz mal.

Remando contra a maré, que é como se dissessemos fechando os olhos ao facto, as apertadas faxas de seu fabrico ou não terão consumo ou andarão sempre carecidas de concerto.

Nn.

GERMINAL

Os ultimos acontecimentos impossibilitaram a publicação do Germinal no dia 16. Continuando a agitação politica a desviar o grande publico da leitura de jornais que fazem propaganda de ideias, de forma a exigir dos leitores, senão uma certa serenidade, pelo menos um certo interesse por essas ideias, resolvemos prolongar a suspensão, até que as circunstancias permitam a continuação do Germinal de maneira proficua para a propaganda das ideias que nele se defendem.

Esperamos que a suspensão não será longa e por isso os nossos leitores e amigos continuarão a dirigir-se, sempre que disso tiverem necessidade, para a redacção e administração, tanto no que respeita ás Figuras da Social, cuja publicação continúa, como a quaesquer assuntos de interesse para a propaganda.

Se agora suspendemos temporariamente a publicação do Germinal é porque, se estamos sempre prontos para qualquer sacrificio, desde que dele resulte uti-

lidade para as ideias que nos são caras, não queremos sacrificarnos inutilmente; como aconteceria com a publicação do Germinal, nas circunstancias em que a vida portuguesa se encontra. Porque a conhecemos, estamos convencidos de que teimar em publicar o Germinal, seria perder tempo, energia e dinheiro, que bem pouco é.

Esperemos pois que a situação se modifique de modo a que o publico que nos deve ler, se possa desviar da agitação politica e interessar pelas ideias a cuja propaganda nos dedicamos.

Em tempo de eleições

Uma dama que, na gazeta do sr. Machado Santos, trata do «intervencionismo dos indifferentes na actual campanha eleitoral», diz que perguntou a um sindicalista se elle vota e com quem, e que o homenzinho, entre fumaças do seu cigarro, lhe respondeu que sim, que vota para evitar um triumpho democratico ou um triumpho monarchico, e que, se o tio Pimenta der uma regular e justa representação nas suas listas ao operariado organizado, vota no governo, e se não der, vota nos reformistas.

Já antes a mesma dama procurara um anarquista, o qual, depois de declarar, a proposito da amnistia, que poria o maior empenho em exilar todos que pela sua conduta subversiva se mostrassem inimigos da patria sob o pretexto hipocrita de a servir, lhe afirmou que vota no governo, por necessidade.

O melhor da passagem é que o pagem — perdão! — o sindicalista do *Intransigente* ou do sr. Machado não pensava meio segundo no governo ou nos monarchicos, e o anarquista do sr. Machado ou do *Intransigente* é uma criatura altamente bemfazeja e extraordinariamente culta.

Deve ter as mãos muito feias, a senhora que se entrega a trabalhos tão grosseiros.

Accidentes no trabalho

III

«O Germinal» não é, como muito bem se sabe, uma revista ou um semanario juridico. Os seus leitores, na sua quasi totalidade, não são nem profissionais do foro nem estudantes de direito. Estas observações bastam para plenamente justificar a orientação que temos seguido na elaboração destes ligeiros artigos. Não se trata, como já se disse, de fazer um rigoroso commentario ao que sobre esta materia se legislou.

E, como assim é, abandonamos o caminho que tomámos ao escrever os ultimos artigos e voltamos novamente aos factos que nos determinaram a principiar esta tarefa que nos impomos. Voltamos novamente ao caso da Companhia do Gaz e ás suas consequências. Será ainda uma maneira de comentarmos a lei dos accidentes e a sua regulamentação, mas por isso mesmo que esse commentario é baseado em factos que impressionaram, muitos dos que os presenciaram, é mais facil reter as atenções e o interesse dos que lerem sem correr o risco de fazer um trabalho arido.

Ora os leitores devem lembrar-se de que, a seguir ao julgamento do caso da Companhia do Gaz, o sr. dr. Estevão de Vasconcelos, autor do projecto que depois se transformou em lei, fez uma conferencia acerca das suas vantagens, dos seus beneficios, das mil maravilhas da lei, e esclareceu varios pontos menos claros ou sobre os quaes recaiam duvidas ou ataques.

Teve essa conferencia — certamente sem que o dr. Estevão de Vasconcelos desse por tal — uma alta significação, uma grande, uma enorme importancia, desde que foi ouvida por quem podia tirar dela, além dos ensinamentos ou das conclusões que se tinham em vista ao faze-la, os ensinamentos e as conclusões que o conferente não previu nem quiz que se tirassem.

E' que essa conferencia foi

profundamente revolucionaria. E quando as afirmações ou as transparentes conclusões revolucionárias partem dos que estão do outro lado da barricada, sinceramente, sem darem por tal, mais razão veem dar às nossas verdades.

O sr. dr. Estevão de Vasconcelos, relator do projecto de lei dos accidentes no trabalho, senador da Republica, membro cotado do Partido Republicano Portuguez, burguez dos quadro costados, fazendo a sua conferencia, mostrou bem:

- 1.º—Como o parlamento é uma pessima maquina.
- 2.º—Como a burguezia tem uma moral e uma maneira de proceder absolutamente despresiveis e condenaveis em muitos aspectos da vida.
- 3.º—Como a lei tem sempre defeitos.
- 4.º—Como os tribunaes representam, em muitos casos, o arbitrio.
- 5.º—Como certos operarios teem uma moral e uma maneira de proceder tão viciosas ou mais ainda do que a dos burguezes, auxiliando estes em detrimento dos interesses dos companheiros de trabalho.

E assim... e assim... Sua Excelencia foi contra o parlamento, contra a lei, contra os burguezes, contra os tribunaes e contra os operarios que atraioam os seus proprios interesses e os dos seus companheiros em beneficio dos burguezes...

Dizê-lo é facil. Prová-lo não o é menos. No proximo artigo começaremos a tarefa.

Sobral de Campos.

Notas ligeiras

Acabo de ler um artigo de jornal em que se compendiam as varias opiniões florentes, cá pelo campo e nos campos vizinhos, sobre as causas da guerra em que ha 4 meses anda a Europa. Aqui as deixo em substancia.

Dizem uns:—A guerra actual não é mais que uma questão de raças.

Contestam os neo-maltusianos:—Não é tal! A causa profunda desta guerra e de todas as guerras é simplesmente a superpopulação.

Acodem os socialistas-ortodoxos:—Essa agora! A causa da guerra é o capitalismo.

Corrigem os anarquistas-ortodoxos:—Isso não é bem exacto. A causa da guerra é o capitalismo e o Estado.

E, finalmente, increpam as feministas:—Não digam tolices! A causa da guerra é unicamente o Homem.

Ha tres dezenas de anos que sigo estrada fora ou ladeira acima, em demanda da sociedade nova; e cada vez se me afigura

mais curto o caminho percorrido e mais redusido o numero de companheiros de viagem!

Neste tom melancolico se me dirigiu um velho camarada com quem uso trocar impressões sobre o movimento operario nacional; e com taes casos expoz as suas rasões, que me foi impossivel dominar o seu desalentado incipiente.

Oxalá não engrosse a mó dos esmorecidos!

Registando

Numa reunião de anarquistas inglezes, manifestaram-se estes contrarios á attitude de Kropotkine perante a guerra. A proposito, um camarada escreveu no *Voice of Labour* (Aurora, 9-5-915, o seguinte:

«Esta é para mim a maior, a mais nobre e esplêndida lição a aprender: que todos os camaradas tenham mostrado e exprimido a sua resolução de confiar no seu proprio juizo, em vez de se deixarem arrastar, na sua attitude perante a guerra, por qualquer outro. Se jamais houve pessoa que pudesse ter sido objecto de culto da parte dos seus admiradores, essa pessoa foi Kropotkine; mas, embora, um ou dois camaradas não tenham podido libertar-se da fascinação da sua personalidade e furtar-se ao culto do seu idolo, podemos felicitar-nos por essa adoração limitada a um ou dois casos insulados.»

Mais simplesmente, isto quer dizer: quem pensa como nós confia no seu proprio juizo; quem pensa como Kropotkine é um idólatra.

Como se vê, é imparcial, justo e muito amavel.

A *Volonta*, em correspondencia de Londres. (Aurora, 9-5-915) diz que lá, os anarquistas favoraveis á guerra contam-se pelos dedos da mão; e enumera: «dois russos, um inglez e um italiano.» Quatro, nem mais um! Isto é em Londres; nas outras cidades inglezas deve acontecer proporcionalmente o mesmo, a não ser que os quatro apontados sejam para a Inglaterra toda. Parece que na Italia, na Alemanha, etc., acontece o mesmo, notando-se, como diz a *Aurora*, que a opinião anarquista se mantem firme na generalidade que é «a quasi unanimidade.»

Nós não negamos nem afirmamos que assim seja. Mas se assim é, custa a perceber como é que, com uma infima minoria de partidarios da defeza contra o invasor, que deviam passar despercebidos, tão raros são, veio a levantar-se por toda a parte uma tão animada e duradoura discussão. Isso costuma succeder quando o desequilibrio numerico entre os que discutem, não é tão formidavel como agora acontece. Com franqueza: tratando-se de meia duzia de idólatras e de fascinados, não merecia a pena ter tanto trabalho para mostrar a sem-razão desses; cuja voz se perde com certeza, no côro imenso, quasi unanime dos que defendem a pureza de principios.

Repetimos isso é que seria natural e é o que costuma succeder quando a superioridade dum corrente de opinião é, como neste caso, verdadeiramente esmagadora; e é por isso que não percebemos.

Da *Aurora*, (9-5-915 *Ajuste de contas*), sobre a victoria dos aliados:

«L, como tem succedido em identicos conflitos, o leão (aliados) sugari o sangue do cordeiro (Alemanha, Austria e Turquia) depois de lhe ter arrancado a pele.»

Ora este cordeiro parecia ter-se esquecido do seu tradicional papel de mansidão, porque:

«Pelo que até hoje tem vindo a público, pelo que se tem averiguado e evidenciado, temos de convir que a aggressão partiu da Alemanha a quem, por esse facto, cabe a maior responsabilidade na horrorosa hecatombe.»

e ainda porque:

«da Alemanha militarista não só partiu a aggressão — suposição que subsiste até que com factos se prove o contrario — mas também, durante a guerra, se tem manifestado duma forma tão bárbara que só pode ser igualada pelos cosacos da Russia destruindo a ferro e fogo as povoações da Galicia.»

Mas apesar disso:

«Não pode o cerebro mais obtuso e empedernido emparceirar o povo alemão com a casta militarista e assassina de que o Kaiser é o supremo chefe e concomitantemente o supremo criminoso.»

E seria uma grande injustiça:

«Responsabilizar o povo produtor, o povo que sofre e geme, o povo que foi constrangido a entrar na luta contra a sua vontade.»

De acordo, camarada, de acordo, menos com a historia do cordeiro... a não ser que o declare hidrófobo, fugindo da agua fresca da fábula para se atirar a tudo que encontra.

Amarus

Dicionario subversivo

(Continuado do n.º 18)

F

FABRICAS—São os logares onde se fabricam não só os artefactos, os tecidos, tudo emfim o que a industria moderna precisa, mas também a anemia, o definhamento, a tuberculose, e a morte. (Correia Dias).

FEMINISMO—Uma invenção daquela especie de mulheres «qui ne sont femmes que par accident», — como disse Bergson. Será? O ex-anarquista Adème afirma que sim.

FIADO—Compra a credito que se tornou um habito e constitue uma verdadeira servidão para a familia operaria.

FINANÇA—Monstruosa potencia moderna que substituiu todas as outras e governa o mundo contra toda a rasão, contra toda a moral. O *financeiro* nunca está farto: a sua avidez

jamais se sacia. Devorar é a sua função: nunca o receio salutar da indigestão entrou no seu cerebro. (C. A. Laisant).

FUNCIONARIO—Literalmente quer dizer: o que exerce um cargo publico. Em justiça, porém, quantos funcionarios ha que nada exercem! (E. D.).

G

GLORIA MILITAR—Inimiga da liberdade. (Exquiros).

GREVE GERAL—Inercia geral; inepcia geral. Assim lhe chamava o austro-alemão Auer; e os primeiros dias de agosto do ano passado, em certo modo lhe deram rasão.

GUERRA—Regresso á animalidade. Pura e simplesmente. Não tem nada de belo, de grande, de nobre. Pelo contrario. E' uma confissão de imbecilidade, uma prova material da incapacidade de se resolverem certas questões pela rasão. (J. Novicow).

H

HERDAR—Foi sempre na familia humana um dissolvente que incita a cupidez e faz de-sejar a morte (Fialho d'Almeida).

HERVEISMO—Amalgama confuso de ideias democraticas e tendencias socialistas. (A. Du-nois).

HUMANITARISMO—Filosofia da hipocrita cobardia (G. Sorel).

I

IMPOSTO—Oleo destinado ás rodas do famoso carro do Estado e fornecido na quasi totalidade pelos trabalhadores não proprietarios, embora ou-trem o entreguem.

INTELLECTUAL—E' na expressão de Sorel, o individuo que faz profissão de pensar e percebe um salario aristocratico em rasão da nobreza dessa profissão.

IMPERIALISMO—Sistema dos que intentam «dilatam a fé e o imperio e devastar as terras viciosas», como dizia o epico, isto é dos que pretendem ambiciosamente a dominação do seu país ou a sua propria, negando ou tendo em pouca conta os ditames da justiça, da equidade e do direito, e proclamando como doutrina corrente, a lei do mais forte.

(continua)

Nn.

Afins

Um jornal noticia que os socialistas do Porto estão resolvidos a realizar um entendimento eleitoral com o partido democratico, que é aquelle que mais afinidades tem com o seu.

O homem só é senhor da natureza desde que lhe obedeça.

Bacon.

O congresso de Ferrol

Como é sabido este congresso, que vinha sendo anunciado já há tempos, por determinação do governo espanhol, foi proibido.

Mas como nem sempre as determinações da autoridade, por mais despótica que esta seja, são cumpridas á letra, o que se havia de fazer publicamente, foi feito em reunião privada, na noite do dia anterior áquele que estava designado para a abertura do congresso.

É evidente que resultariam mais retumbantes as decisões do Congresso de Ferrol, se o governo espanhol não o houvesse proibido e se não pozesse em pratica outros processos, aliás velhacos e arbitrarios, com os quais pretendeu fízar todo o valor revolucionario áquella magna assembleia.

Antes mesmo de publicamente ter proibido o congresso, já o governo espanhol, ou os governos dos outros países, se serviam do estratagemas de não deixar que a correspondencia que era enviada de Ferrol chegasse ao seu destino, ou que, pelo menos, interceptassem a correspondencia que individualidades ou os organismos de varios países para Ferrol enviavam. De qualquer modo, o certo é que, á maneira que se aproximava a data da realisação do congresso, a comissão organisadora, depois já de ter estabelecida correspondencia com entidades de muitos países, deixou de receber resposta ás communicacões que continuamente expedia.

Este facto, em si, demonstra que, ou o governo espanhol só por si, ou ele com os governos dos outros países, beligerantes ou não, tinham todo o interesse em que o congresso Pró-Paz não se realisasse.

Quaes os motivos?...

Os delegados portugueses que no congresso representavam organizações do norte chegaram a Ferrol no dia 29, ás 17 e meia horas. E logo no dia seguinte, seriam cerca das 4 da manhã, quando o Sol vinha longe ainda, foram despertados na fonda onde pernoitavam por uma porção de beaguins policiaes, acompanhados pelos principaes chefes, os quaes, primeiro, fazendo um barulho ensurdecido quando batiam ás portas, e depois, com uma pressa comprehensivel, (temiam que o proletariado de Ferrol se manifestasse ruidosamente contra o acto) quasi não consentindo que os delegados portugueses lavassem, sequer os olhos, (a alguns assim aconteceu...) e depois de os revistarem no fato e nas malas forçaram-os a marchar para a *alcaydia*, e depois de ali prestarem as informações que o *alcoyde* pediu, foram convidados a seguir immediatamente para a fronteira.

É claro que não valeram protestos; os delegados tiveram de cumprir aquele *pedido* e chegaram a Portugal acompanhados sempre de uma *pareja* da guarda civil, além de varios rafeiros que com os delegados se emiscuiam no intuito *evidente* de colher *revelações importantes* que, por acaso, escapassem dos labios dos delegados expulsos.

Final nem a arbitrariedade do governo espanhol, nem mesmo a sua habilidade, evitou que a reunião dos delegados se efectuasse e nela se tomassem importantes resoluções.

No dia 29, vespera do dia anunciado para a abertura do Congresso, os delegados presentes (espanhoes portuguezes e brasileiros), pois alguns doutros nem sequer o governo espanhol consentiu que desembarcassem em terra, pelo que saiam do vapor em que chegavam para outro que os transportaria para as suas nacionalidades...) reuniram-se na séde do Ateneo Sindicalista.

Não se constituiu mesa, para não despertar suspeitas. Os discursos longos e retóricos foram, de comum acordo, totalmente suprimidos. Convencionou-se, previamente, em que diria cada um apenas o absolutamente indispensavel afim de se ganhar tempo.

E, assim, os principaes assuntos por motivo dos quaes reunia o Congresso, foram plenamente resolvidos.

O principal — os meios convenientes a adotar para a cessação da guerra — foi amplamente apreciado, dizendo a maioria dos delegados o que se lhe ofereceu sobre o assunto, adotando-se, por fim, a constituição dum comité internacional, com séde em Portugal, o qual terá a missão de empregar os meios precisos para que as hostilidades terminem em proveito, não dos governos ou das castas financeiras e mercantilistas, mas dos povos que á maldita guerra foram arrastados.

Quais sejam esses meios, só o Comité referido os conhecerá, pois ignoramos quem o compõe e a propria terra portuguesa em que venha a residir.

O outro assunto que interessa ao proletariado internacional, e particularmente ao das duas nações ibericas em caso de guerra, etc. que mereceu especial e carinhoso estudo aos congressistas, foi a nova internacional operaria.

Pelos delegados portugueses foi apresentado um relatório, cujas conclusões se baseiam na necessidade de se estabelecer um entendimento entre os dois países, e se fosse possivel, a federação iberica.

Outro documento foi apresentado por um delegado espanhol que baseava sobre as mesmas conclusões.

Apreciados os dois documentos em conjunto, pronunciou-se sobre eles o congresso. Varios

alvitres foram apresentados; mas o que predominou foi o de que desde logo o entendimento fosse estensivo a todos os países, não apenas sobre guerras futuras, mas para todas as eventualidades e no sentido de estreitar mais os laços de solidariedade entre os operarios de todos os países, unindo-se todos sob uma mesma bandeira, integrados todos nos interesses de classe no combate contra o capitalismo, que, por ser internacional, tem que ser combatido em todos os países ao mesmo tempo e por todos os meios, sem comtudo se lançar mão de outros que não sejam consentaneos com a aspiração comum de se libertarem da opressão politica e economica.

A nova organização internacional designar-se-ha: Associação Internacional dos Sindicatos Operarios.

Dela só poderão fazer parte os organismos reconhecidamente operarios de qualquer país. Não terá socios individuais, como a velha Internacional. Qualquer individuo não operario manual que tenha amor pela emancipação da classe trabalhadora, desenvolverá a sua ação á margem da nova Associação, mas independentemente dela.

As organizações pertencentes ás classes chamadas liberaes, (medicos, advogados, engenheiros, etc., etc.) não terão ingresso na Associação Internacional. Haverá apenas excepção para uma classe intelectual: é a dos professores de instrução primaria, e estes ainda com determinadas condições que serão expressas nos estatutos.

Os estatutos a adotar são os da velha Associação Internacional, com varias alterações que se lhe hão de intruzir e que estejam consentaneas com as modernas necessidades da organização operaria, pois aqueles, tal como estão, eram só adaptaveis na epoca longiqua em que se elaboraram. Ser-lhes-hão adicionadas, como preambulo, os principios votados no congresso Sindicalista de Londres, ultimamente realizado.

O congresso resolveu que provisoriamente fossem adherentes Espanha, Portugal e Brazil, que o Comité da Associação Internacional dos Sindicatos Operarios residisse no Ferrol. A este Comité está cometido o encargo de intruzir nos estatutos da velha Internacional as modificações conformes com as necessidades da epoca presente, de os enviar em seguida ás organizações operarias de todos os países, acompanhados duma circular elucidativa sobre o assunto e na qual as convidará a aderir, nomeando cada país um secretario correspondente.

Logo que finde a guerra o mesmo Comité convocará um Congresso internacional com a representação direta dos organismos operarios de todos os países, onde ficará definitiva-

mente organizada a Associação Internacional dos Sindicatos Operarios.

O Secretario correspondente da A. I. dos S. O., *Lopes Bouza*.

O Congresso lavrou um protesto veemente contra as insinuações e perfidias da imprensa burgueza, por noticiar que a sua realisação obedeceu o manejo dos alemães.

Resolveu tambem distribuir um manifesto, assinado por todos os delegados presentes, contra a expulsão dos estrangeiros e bem assim contra a proibição do Congresso — que, apesar de todas as arbitrariedades, se realisou.

Pelourinho

Não podemos subtrair-nos ao desejo de exigir... á compaixão do operariado consciente, certos manifestantes do 1.º de maio. Aqui ficam:

POMBAL, 2.—C.— Com grande pompa decorreu n'esta vila a festa do 1.º de maio, promovida pela Associação Operaria. O programa foi o seguinte: ás 5 horas alvorada pela Filarmonica Artistica Pombalense. Premios aos cantaros ornamentados. Ás 12 a filarmonica percorreu as ruas tocando o hino «1.º de Maio»; ás 13 horas, corrida de bicicletas ganhando o 1.º premio o sr. José Teixeira, e o 2.º o sr. José Narciso; ás 14 horas corrida negativa, obtendo o premio o sr. José Teixeira; ás 15 horas, corrida de frangos; ás 16, condução da nova bandeira da associação operaria para o alto da Ponte, e da bandeira dos bombeiros para o quartel; ás 17 cortejo em que tomaram parte, apresentando os seus carros lindamente enfeitados: sapateiros, carpinteiros, canteiros, serralheiros, telegrafo-postaes, pedreiros e bombeiros. O comercio fechou as suas portas e a concorrência de forasteiros foi numerosa.

MAÇÃO, 3.—C.— Decorreu com grande brilhantismo a festa do 1.º de maio, promovida pelos operarios e artistas d'esta vila. O programa foi o seguinte: Alvorada anunciada por foguetes, percorrendo as ruas principaes a filarmonica local; ás 11 horas celebrou-se missa na igreja matriz, em sufragio dos operarios e artistas falecidos, executando no côro do templo uma marcha tenebre a filarmonica; ás 13 horas houve cortejo civico, em que figuraram quatro carros alegoricos das classes dos sapateiros, carpinteiros e alfaiates, precedidos pelo da instrução, acompanhados por grande numero de operarios, artistas, crianças das escolas, filarmonica e muito povo, que se dirigiu para a praça da Republica, onde se procedeu á distribuição de premios pecuniaros aos carros que melhor se apresentaram, sendo classificados: em primeiro lugar, o carro dos sapateiros; em segundo, os carpinteiros e em terceiro, o da instrução, e em ultimo lugar, o dos alfaiates. De tarde houve arraial, que se prolongou até alta noite, havendo illuminações, bailes, descantes populares, concerto e fogo solto.

A minha carteira

Sobre educação

Tratando dos «castigos» que costumam ser infligidos aos objectos que melindram as crianças, diz D. Virginia de Castro e Almeida:

«Qual de nós pensa na injustiça, no mal que faz castigando, com um murro, a porta ou a mesa onde a creança se manguou quando passou correndo e sem cuidado? Qual é o raciocínio elementar que se prende com um acto desta natureza? Pensemos nisso com serenidade e habituemo-nos um pouco á ideia de que o nosso dever é ter um raciocínio mais desenvolvido, e que vá mais longe do que o das crianças.»

«A que impulso obedecemos procedendo assim?»

«O nosso fim único é distrahir a criança, mudar-lhe o rumo das ideias para que não pense no ponto que lhe doe; queremos que se cale, porque o seu choro nos faz sofrer ou nos incomoda. O que fazemos é dizer-lhe: «A mesa é má, vamos castigar a. Consola-te, porque agora também lhe doe a ela».

«Noção de vingança instintiva e cega; lançar sobre a causa imediata do nosso mal, o castigo injusto que apenas atinge o reflector e deixa impune o gerador de luz que incomoda. Mais tarde exigiremos do nosso filho o raciocínio; será por este processo que lhe daremos as noções de justiça e de logica? Não seria mais produtivo, acalmada a sua dor, fazer-lhe ver que a culpa era sua, inadvertencia, da sua falta de cuidado, e não dum objecto inerte, sem vontade propria e sem acção? Adoptamos o murro, a vingança injusta e brutal, porque é um remedio mais rapido e mais facil, que nos toma menos tempo e nos dá menos trabalho.»

Os alfinetes

Concluindo:

A estanhagem dos alfinetes obtém-se collocando numa vasilha uma camada de estanho finamente pulverizado, em seguida uma camada de alfinetes, depois outra camada de estanho e assim de seguida até a vasilha ficar cheia. Lança-se dentro então uma solução de bitartarato de potassa. A applicação de calor faz a solução de estanho com que se revestem os alfinetes.

Colocam-os depois em barricadas, que são revolvidas com grande velocidade: a fricção assim produzida tem por efeito polir-os muito fortemente num curto espaço de tempo.

Os alfinetes são postos em cartas por meio de uma engenhosa machina, formada por uma caixa de aço, por baixo da qual ha um quadro movel que agarra o papel e o dobra ou frisa em divisões tão largas como o comprimento dos alfinetes. O fundo da caixa é feito de pequenas barras quadradas de aço, espaçadas a uma distancia tal que permitem a passagem das hastes, mas que não permitem a passagem das cabeças. As barras são conservadas em um movimento, peneirando assim os alfinetes, que ficam

suspensos, até que esteja formada uma fileira d'elles, sendo então apertados no seu logar pelas barras. Uma dobra de papel é empurrada contra elles até se acharem no seu lugar. Este processo é repetido até o papel ou carta ficar cheio, tomando então outra vasia o seu lugar.

A fechar

Palavras de Jules Guesde, em 1878:

«O sufragio universal não é o meio de realizar uma sociedade que só da luta ha de sair.»

Um magico

A' volta do mundo

Segunda, 3

Espanha—Em Madrid realiza-se um comicio de protesto contra a prohibição do congresso pela paz no Ferrol.

Terça, 4

Espanha—Em Madrid, um grande incendio impede o serviço dos tribunales, devorando-lhes o edificio.

Quinta, 6

Portugal—Efectua-se em Lisboa a primeira reunião do Centro Monarquico D. Carlos I. Junto da sede produz se conflito entre republicanos e a policia.

Espanha—Em Guadix, Granada, muitas mulheres e numerosos operarios, em manifestação tumultuosa, percorrem as ruas principaes, reclamando trabalho e protestando contra a subida do preço do pão.

Sexta, 7

Espanha—Declara-se uma greve dos trabalhadores do porto de Motril, Granada.

Inglaterra—E' torpedeado e afundado pelos alemães, cerca de Kinsale, na costa da Irlanda, o transatlantico ingles «Lusitania», com cerca de 2.000 pessoas, entre passageiros e tripulantes.

Domingo, 9

Portugal—Em Coimbra a reabertura do Centro Monarquico dá logar a manifestações e contra-manifestações. A guarda e a civica interveem.

—Os caixeiros de Lisboa realisam um comicio, que se pronuncia pela immediata elaboração do regulamento das horas de trabalho.

Segunda, 10

Portugal—Em Santarem provoca manifestações de protesto, a posse da comissão administrativa em substituição da dissolvida camara municipal.

—Protestando contra a organização de mais um centro monarchico, o povo de Alcantara, em Lisboa, faz uma imponente manifestação desde o Largo do Calvario até ao centro da cidade; são saudados os jornaes republicanos; trava-se conflito no alto de Santa Catarina, havendo tiroteio.

Espanha—Em Salamanca, percorre as ruas um cortejo de milhares de pessoas, pedindo a descida do preço do pão.

VIDA ASSOCIATIVA

Grupo Anarquista Cerebro e Braço.—Portalegre.—Este grupo declara que nunca teve afinidade alguma com o operario corticeiro Lourenço Mourro, que é actualmente vereador da Camara Municipal desta cidade, pois reconheceu o sempre dominado pela ambição politica e por isso incapaz de ter ideias anarquistas.

Figuras da Social

* * * *

EUSEU RECLUS

O estudo dos grandes tipos da Humanidade exerce uma poderosa influencia na elevação do caracter, por essa tendencia automatica que actua no maior numero pela forma de imitação. — Teofilo Braga.



Publicação do *Germinal* — Editor, A. Machado

* * * *

Com este frontispicio, acaba de aparecer o 1.º folheto de uma collecção illustrada sobre a vida dos principais socialistas das diversas escolas, epocas e paeses.

Simple registro historico para os que pouco sabem, as *Figuras* não visam á glorificação idolatra ou fetichista de qualquer vulto, por maior que seja considerado; podem, por isso, ser vistas e lidas ainda pelos mais renitentes a genuflexões fervorosas ou a outras formas de admiração.

Cada folheto, avulso, 2 cts. — Assinatura (pagamento adiantado) por serie de 6 folhetos, 12 cs.

Pedidos e correspondencia: — *Germinal* — rua da Barroca, 51, 3.º — Lisboa.

Errico Malatesta

Em tempo de eleições

3.ª edição muito aumentada

1 exemplar 2 centavo

Pedidos á *Bibliotéca a Vida*, rua Formosa, 242-2.º, Porto — ou *A Sementeira*.

Cais do Sodré, 88, Lisboa

A REVOLTA

Quinzenario anarquista

Redacção: Rua Sá da Bandeira, 11, 2.º — Coimbra.

A Voz da Razão

Quinzenario da Juventude Libertaria

Administração: — Travessa da Agua Flor, 55 — Lisboa.



Em proveito do "Germinal"

Foram-nos oferecidos

e encontram-se á venda na nossa administração alguns exemplares das seguintes publicações:

A Anarquia, por E. Malatesta (2.ª edição) .. 5 cent.

Le Salarial, por P. Kropotkine 2 "

Organisation, Initiative, Cohésion, por J. Grave..... 2 "

Le Parlamentarisme contre l'action directe, por A. Girard e M. Pierrot 2 "

